

XXI Prêmio  
arte  
na Escola  
Cidadã

Projeto

# UM TETO TODO DELAS

Som e fúria de  
todas as Elzas

Arte Educador  
Jefferson Mercadante



# Índice

Como surge o projeto .....	02
Nossas motivações .....	04
Objetivos .....	05
Desenvolvimento .....	06
<i>Primeiras explorações .....</i>	<i>06</i>
<i>(Re)conhecendo Elza Soares ...</i>	<i>09</i>
<i>A linguagem artística como espaço     de inclusão .....</i>	<i>11</i>
Avaliação .....	14
Resultados .....	15
<i>A apresentação .....</i>	<i>15</i>
<i>Evidências de aprendizagens ..</i>	<i>17</i>
Anexo .....	18



## Dados do Projeto

**Título:** Um teto todo delas: som e fúria de todas as Elzas.

**Autor:** Prof. Jefferson Mercadante.

**Escola:** E.M. João Gonçalves, Praia Grande-SP.

**Data de realização:** de 11/03/2019  
até 26/09/2019

**Categoria:** Ensino Fundamental I (5º Ano)

**Linguagem:** Várias linguagens

# Como surge o projeto

**A história “delas” começa no entendimento da escola como espaço de produção e socialização da Arte como expressão da identidade, da diferença, da cultura, dos conhecimentos e experiências de diferentes grupos.**

Ainda que os sujeitos de uma escola possam ter muito em comum uns com os outros, carregam entre si muitas diferenças no que diz respeito a sua inserção sociocultural, com visões de mundo distintas, valores e costumes norteadores que muitas vezes contrastam com os dos outros com os quais convivem.

Na nossa escola, em Praia Grande – SP, convivem sujeitos de diferentes grupos étnico-raciais, meninas e meninos que vivenciam seu gênero e sua sexualidade de

forma particular e compartilham o mesmo espaço com pessoas de origem sociogeográficas distintas.

Porém, mesmo que todas essas diferenças estejam ali presentes, os sujeitos que ali estão sendo formados e afetados pela formação dos demais, de uma forma ou de outra, podem não reconhecê-las, uma vez que é a inserção sociocultural desses sujeitos que conforma a maneira como eles veem e se veem no mundo, além da forma como são vistos pelos outros.

**A escola, como uma dimensão importante da sociedade, constitui-se, portanto, em espaço que está profundamente implicado na produção, ou de reconhecimento, ou de invisibilidade, das experiências étnico-raciais e de gênero dos estudantes.**

**Imagem 1:** No município de Praia Grande – SP (foto 1) menos de três quilômetros separam a região periférica (foto 2) da área mais nobre da cidade (foto 3).



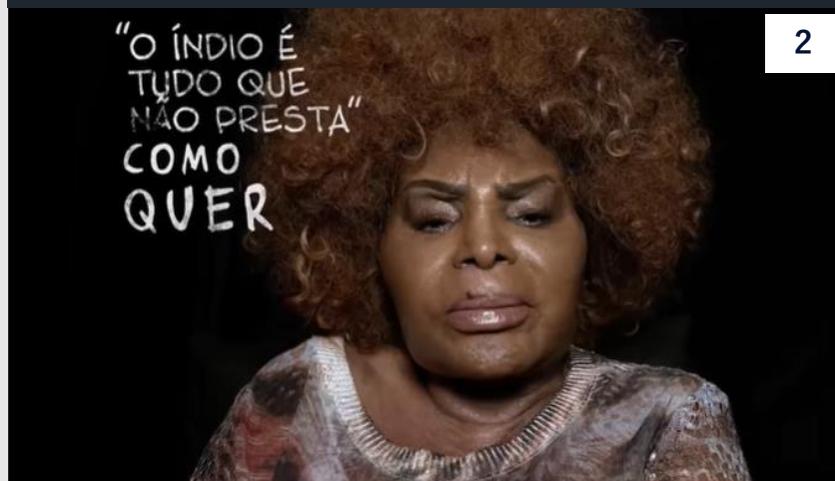
A urgência desse debate tornou-se mais evidente pra mim em meio a uma aula sobre cultura e arte indígenas, quando a exibição do videoclipe da canção manifesto “Demarcação Já” gerou um estranhamento inesperado. A canção e videoclipe, composta por Chico César e Carlos Rennó, com direção de André Vilela e interpretado por mais de 25 artistas da música brasileira, provocou o riso daquelas crianças de múltiplas origens quando contrastadas a figura de uma mulher negra: Elza Soares.

*“Como assim, meus alunos rindo de uma artista cujas obras representam a luta de mulheres, negros e pobres na história contemporânea da música e da arte afro-brasileira?”.*

O olhar e escuta atentos me alertaram para a necessidade desse projeto. A reação daqueles alunos foi a representação mais clara de que o preconceito baseia-se também na inobservância em relação à existência de multiplicidades na história e nas artes e essa culpa não era deles, mas caberia a nós transformarmos a escola em um espaço de representatividade, onde cada um pudesse reconhecer a diversidade, percebendo a si próprio como constitutivo dela. E isso se daria pela Arte.



Imagem 2: Exibição do videoclipe “Demarcação Já” em sala de aula (foto 1) e cenas do videoclipe (fotos 2 e 3).



*Assim, a voz de Elza Soares se constituiu, ali, na fúria inicial para a rediscussão de nossa cultura plural.*

# Nossas motivações

Sempre predominou no currículo e nas práticas escolares um modelo universalista, negando aos estudantes a multiplicidade de experiências que possam ser vivenciadas e representadas por todos os sujeitos da história.

No Brasil, o imaginário social é tributário da representação de um país democrático racialmente e harmônico, resultado de uma educação falha e da ausência ou a

presença distorcida de imagens do negro, e também da mulher, em todos os tipos de mídia do país.

Nos materiais didáticos os negros geralmente são representados como submissos durante o período de escravização e depois se tornam invisíveis na história. Nas artes são representados em diversas obras como escravizados, mas quase nunca como produtores de arte.

**“Um teto todo delas” vem de encontro à necessidade de adotarmos uma perspectiva pedagógica de Educação para as Relações Étnico-Raciais e Relações de Gênero que não seja ingênua ao lançar mão da arte apenas para entretenimento, celebração e contemplação da diversidade, mas que a arte seja instrumento para o encontro entre os diferentes e para o questionamento das relações de poder e dos processos de diferenciação, uma vez que são esses os que produzem a identidade e atribuem sentidos ao mundo social.**

**Imagem 3:** Apresentação de seminário sobre cultura e dança afro-brasileira.



**Nesse contexto, a arte de Elza Soares se apresenta como linguagem a fim de qualificar a diversidade como um valor que nos proporciona um novo horizonte de compreensão da produção e contribuição artística, cultural, científica e econômica dos diferentes povos e culturas para a formação do Brasil, do feminismo, do movimento negro e popular.**

# Objetivos

- Identificar e desemparedar diferentes expressões artísticas;
- Vivenciar a produção artístico-cultural para expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos ;
- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diferentes manifestações artísticas e culturais;
- Desenvolver a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes;
- Empoderamento negro e feminino pela arte.

Imagem 4: Michaela Deprince, bailarina clássica.



Imagem 5: Shamsia Hassani, grafiteira afegã.



Ao refletirmos sobre o significado da presença de diferentes grupos na arte do Brasil e do mundo, um de nossos objetivos foi identificar expressões artísticas que nunca estiveram no interior da escola como práticas significativas para aqueles estudantes, seus familiares e demais educadores e torná-las presentes.

Assim, envolvendo-se com práticas diversificadas da produção artístico-cultural, com diferentes linguagens e gêneros artísticos, tivemos como objetivo o desenvolvimento do senso estético de nossos alunos para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, desenvolvendo a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

***Porque uma apresentação cultural nos anos iniciais pode, e deve, ser potente!***

Consideramos, ainda, o empoderamento pela arte como aprendizagem significativa, uma vez que o mesmo se dá no processo de auto-definição de imagens a respeito de si, quebrando com as imagens controladas e criadas pela sociedade, assegurando aos estudantes um processo de fortalecimento individual para que promovam futuramente mudanças coletivas.

# Desenvolvimento

## Primeiras explorações

Primeiramente foram traçadas estratégias para que os alunos pudessem se conectar com sua própria identidade étnico-racial. Isso, porque em uma turma onde muitos poderiam ser percebidos como negros, a autoclassificação era majoritariamente branca.

Assim, iniciamos uma série de pesquisas sobre o protagonismo negro na arte, tanto do ponto de vista da produção como da representação. Já para articular as categorias gênero e raça/etnia, promovemos o contato dos alunos com a vida e obra

Algumas das artistas que figuraram neste projeto:

**SELDA BACGAN, SHAMSIA HASSANI, VIOLETA PARRA, MARINA ABRAMOVIC, MARIA CALLAS, MICHAELA DEPRINCE, MISTY COPELAND, NINA SIMONE, ALCIONE, CARMEN AMAYA, CELIA CRUZ, LECI BRANDÃO, ANGÉLICA DASS, LINIKER, ROSANA PAULINO, SONIA GOMES, TAMARA NATALIE MADDEN, TAINÁ LIMA.**

de mulheres que marcaram a história da arte no Brasil e no mundo, através da leitura diária de biografias de diferentes mulheres.

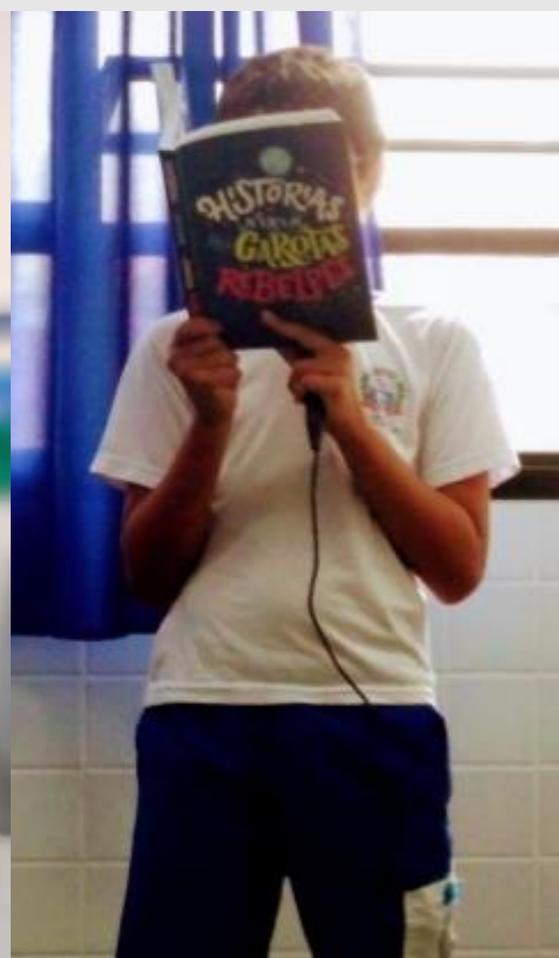
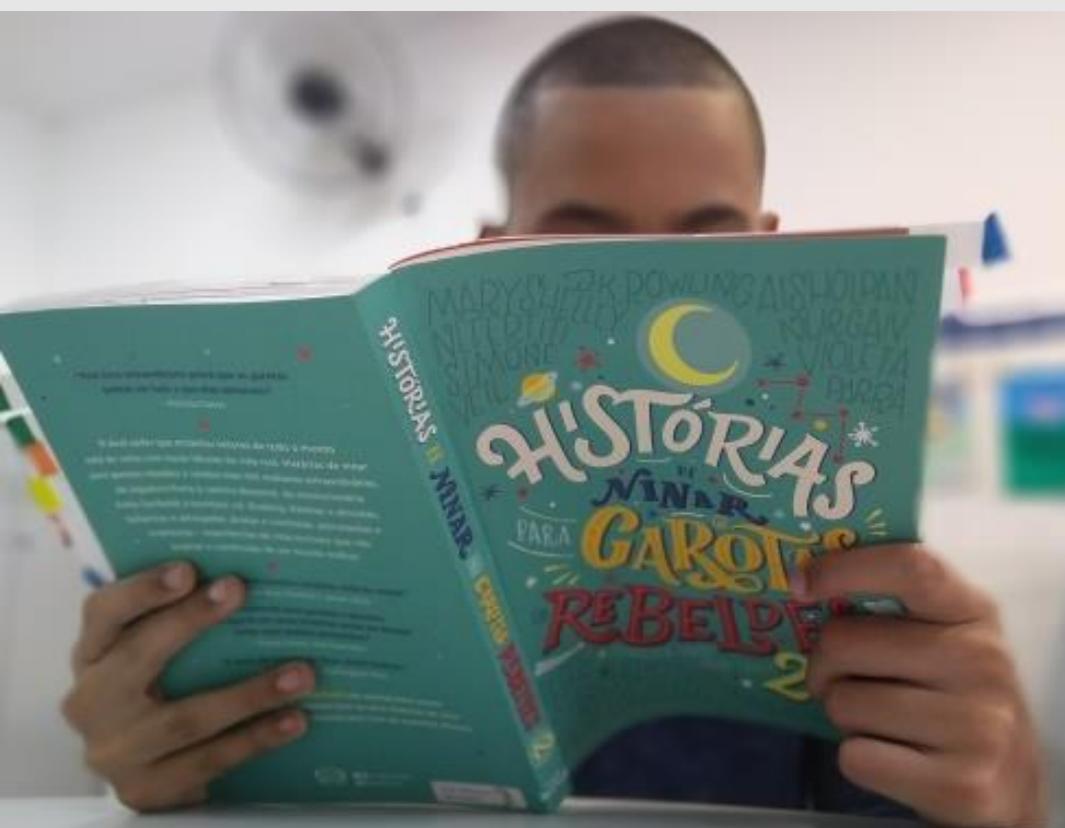


Imagem 6: Leitura do livro “Histórias de ninar para garotas rebeldes”.

7

No desenvolvimento dessas rodas de leituras, os estudantes ocupavam o lugar de fala para expor suas impressões e interesses em aprofundar temáticas, histórias, gêneros e estilos. Utilizando metodologias ativas da aprendizagem, como a sala de aula invertida, semanalmente frequentávamos o laboratório de informática, onde os estudantes detinham-se a aprofundar a investigação acerca da vida, obra e contextos históricos da personagem que mais os instigasse. Posteriormente, os resultados eram partilhados e iniciávamos uma série de discussões em roda.

Foi assim que deu-se a descoberta de **Frida Kahlo**, por exemplo. Após a leitura de sua biografia, a pesquisa dos alunos trouxe para o debate o **projeto fotográfico de Camila Fontenele**, que buscou mostrar a imagem de Frida como representação da diversidade nas diferentes nuances do ser humano.

Inspirados pela fotógrafa, os estudantes produziram uma mostra interativa, que os envolveu desde o planejamento até a execução e construção de cenário e figurino. Na primeira etapa, produziram um painel formado por desenhos de livre inspiração na vida e obra de Frida e por releituras de suas principais produções, dentre as quais expressivamente, já surgiam Fridas negras.



Imagem 7: Pesquisa no laboratório de informática.



Imagem 8: Socialização das pesquisas em rodas.



Imagem 9: Exposição “Todos podem ser Frida”, de Camila Fontenele.



Imagem 10: Painel produzido pelos alunos.

Na sequência, utilizando materiais simples, como pedaços de tecidos e flores de plástico, os alunos produziram figurinos para interagirem com o cenário. A ideia era que todos se fotografassem vestidos de Frida em frente ao painel, valorizando a autoaceitação e o reconhecimento das diferentes belezas, refletindo sobre as construções de gênero e os modos como as pessoas se veem e são vistas

O painel fez parte de uma exposição aberta à comunidade, para que demais alunos, educadores e familiares pudessem interagir com a mostra, composta pelo painel interativo, pela exposição da fotografia de todos os alunos vestidos de Frida e um espaço aberto para registros das emoções e sentimentos dos visitantes.

Imagem 11: Registros da mostra cultural “Um teto todo delas: cores de Frida Kahlo”.



Foi ♥  
emocionante.  
#FRIDAKAHO

me diverti e  
aprendi que  
arte é e pode  
tudo  
iiiiii

Todos podem  
ser Frida  
#DIVERSIDADE

Eu me senti feliz  
e livre.  
Eu amo Frida  
Kahlo.

## (Re)Conhecendo Elza Soares

No decorrer de nossas leituras, **Elza Soares** tornou a aparecer. Dessa vez, os risos foram substituídos pelo encantamento e admiração por sua história. Os estudantes detiveram-se, então, a aprofundar na investigação acerca da vida e obra de nossa personagem e a pesquisa trouxe para a apreciação do grupo o musical “Elza”.

*“E se fizéssemos um musical, professor?”*

Foi assim, que a **peça dirigida por Duda Maia e com texto de Vinícius Calderoni**, impulsionou os estudantes na produção de um teatro musical sobre a vida e obra de Elza Soares.

A produção teve início com a leitura compartilhada de trechos escolhidos da biografia de Elza. Além de textos selecionados pelos alunos em pesquisas na internet, foram disponibilizados trechos do livro **“Elza”, de autoria de Zeca Camargo**.

Os textos eram compartilhados em roda e todos os alunos opinavam sobre quais trechos deveriam fazer parte do enredo. Nesse momento, foram realizadas também leituras dramáticas, dando início a uma construção coletiva das cenas.



Imagem 12: Musical “Elza”, dirigido por Duda Maia.



Imagem 13: Leitura dramática.



Imagem 14: Leitura de trechos da biografia de Elza.



Nesse percurso, os alunos tiveram acesso a discografia de Elza e, conforme apreciavam suas músicas e buscavam suas letras através de pesquisas, selecionaram aquelas que consideraram mais representativas para o enfrentamento das questões de gênero e racismo, construindo uma relação com o roteiro produzido coletivamente (Anexo, p. 18).

***“Como lutei”, “Maria da Vila Matilde”, “A carne”, “Fadas”, “Mulher do Fim do Mundo” e “Mas que nada”, foram as canções selecionadas.***

Dividindo-se em equipes de som e elenco, os alunos atuaram diretamente com os elementos técnicos da sonografia, enquanto outros criavam movimentos

dançados de maneira colaborativa.

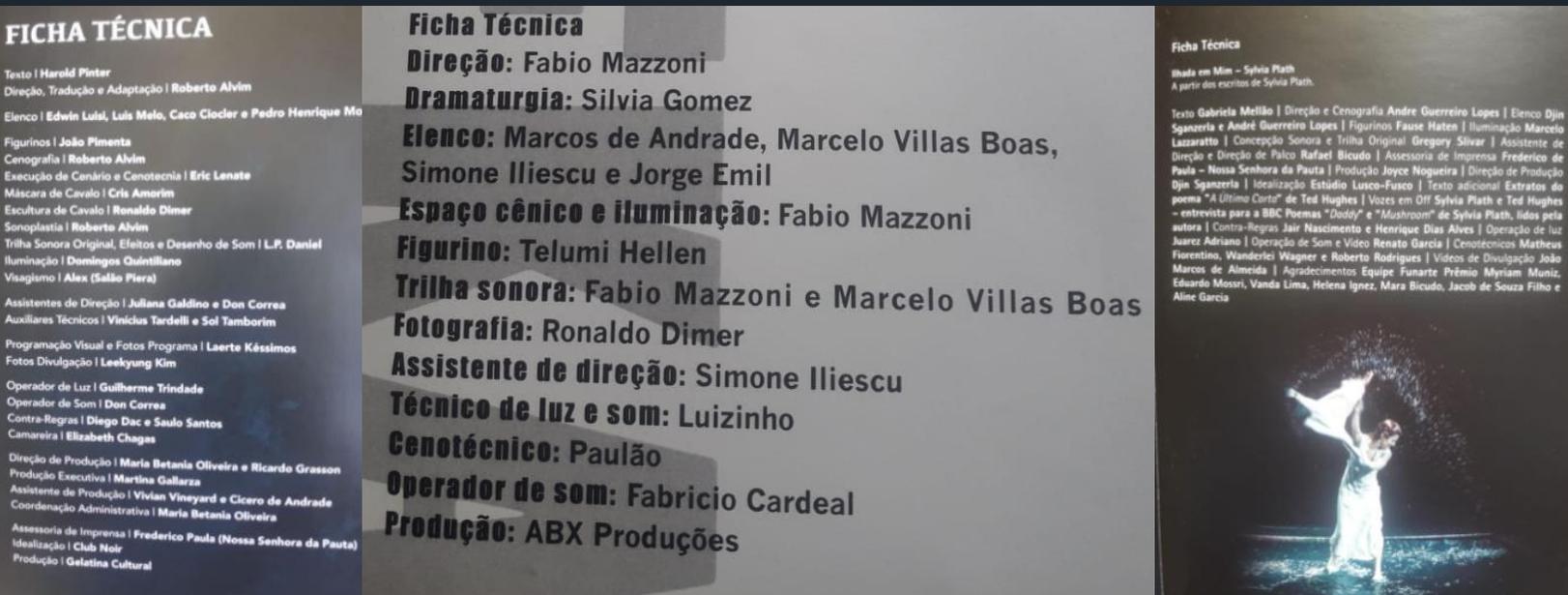
Os ensaios trouxeram, de um lado, o contexto da corporeidade como elemento relacionado com as identidades que construímos na sociedade em que vivemos e, de outro, a potência de vozes que precisam ser ouvidas. Nesse momento, os alunos, percebendo seus corpos em cena, passaram a valorizar mais suas características e identidade.

Assim, as propostas de vivência e criação de coreografias intencionaram o aprendizado do modo como a corporeidade está associada com os papéis de gênero, com as hierarquias de poder, com a diversidade étnico-racial, com a sexualidade e com nossa vivência de mundo.

## A linguagem artística como espaço de inclusão

No momento em que decidimos pela produção do teatro musical, os alunos debruçaram-se a estudar a linguagem artística e composição técnica do gênero. Para isso, além das pesquisas que realizaram através da internet e diante a impossibilidade de levá-los a um espetáculo desses, decidi que seria interessante que eles ao menos tivessem contato com alguns exemplares de programas de teatro e musicais que colecionei durante o ano na minha experiência pessoal de pesquisa e apreciação do gênero.

Imagem 16: Coleção de programas de peças teatrais e musicais.



Assim, foram surgindo os interesses por atuação, som e iluminação, cenário e figurino e, como não poderia ser diferente, conhecer o figurino de shows de Elza Soares foi uma descoberta fascinante para os alunos. Perguntas como *“Foi ela quem fez?”* iam surgindo e dando tom aos debates e construções.

Imagem 17: Figurinos de Elza Soares.



Logo, os cabelos coloridos de Elza Soares tornaram-se o foco dos interesses.

***Precisamos representar os penteados dela em cena”, diziam os alunos.***

Nesse momento, algo enriqueceu significativamente a construção de nosso figurino e cenário: a participação de João, um de nossos alunos de inclusão.

A turma tinha em sua composição dois alunos de inclusão, ambos com **Transtorno do Espectro Autista**. Sempre trabalhamos para que ambos acompanhassem e participassem das discussões e de todas as etapas do projeto. Contudo, o João, por suas particularidades no espectro manteve-se, por um tempo, resistente a participar do teatro musical. Porém, ao mesmo tempo em que não se sentia seguro para aparecer no palco, entristecia-se porque desejava estar lá.

Observando e, sobretudo, reconhecendo sua principal forma de comunicação com o mundo, que se dava através do desenho e das ilustrações que ele fazia, sugeri que ele participasse inicialmente integrando a equipe de cenário e figurino, podendo representar através de suas ilustrações as suas ideias para o projeto..

*“Desenhe como você gostaria de representar a Elza Soares.”*

*“Pode ser que nem boneco de Minecraft?”*

Imagem 18: Processo de criação de figurino. Desenho do aluno João.



Imagem 19: Processo de confecção de figurino.



Assim, as particularidades de João foram respeitadas e suas potencialidades trazidas à tona, demonstrando a importância e o valor do fazer artístico na educação de alunos com deficiência e/ou transtornos do desenvolvimento.

Do universo de games (e do espectro do João), surgiram as “**elzinhas**”, como carinhosamente os alunos chamaram as cabeças inspiradas nos cabelos coloridos de Elza, versão “*Minecraft*”.

Vestidos sob as cabeças de Elza, os alunos mais tímidos poderiam se expressar no palco, representando de maneira lúdica nossa personagem. Daí, surgiu a inspiração para produzirmos um cenário com o mesmo material. Um cenário que se transformasse em figurino.

### ***“Um exército de Elzas, professor!”***

A assinatura de João voltou a aparecer quando ele propôs aos colegas que escolhessem uma música “alegre” para integrar o musical, “***Porque a música se for triste eu vou querer chorar***”, dizia ele. Assim, no processo de apreciação das obras interpretadas por Elza Soares, surgiu “**Mas que nada**”, canção gravada no início da década de 1970 pela intérprete e que possui uma versão bastante conhecida e apreciada pelas crianças, na trilha sonora do filme “Rio”, interpretada por Gracinha Leporace, com o piano sob a tutela de Sérgio Mendes.

Instrumentos de avaliação por meio do diálogo permearam todo o processo de aprendizagem na busca de compreender, a partir dos elementos elucidados pelos alunos ao apreciar uma obra de arte, o que eles pensavam a respeito de direitos humanos, discriminação racial e diversidade de gênero, quais os sentidos que essas questões assumiam em suas vidas, como eles as experimentavam e como elas se relacionavam com a arte, podendo perceber variações em suas colocações no decorrer de nosso percurso.

A partir da observação em todas as etapas que precederam o teatro-musical e no decorrer de seu planejamento e elaboração, pude constantemente avaliar a minha própria prática, repensar os recursos e instrumentos, ampliá-los e direcioná-los de acordo com os maiores interesses e necessidades.

Assim, pude observar, por exemplo, a importância de organizar o ambiente de nossas interações a depender dos objetivos de aprendizagem, utilizando diferentes espaços, dentro e fora da escola, para as rodas de conversas, leituras e criações.

## Avaliação

***O processo de avaliação foi construído no sentido de contribuir para o desenvolvimento das habilidades desejadas, alocando-se do lugar de métrica para o lugar de ferramenta pedagógica, que potencializa a aprendizagem do aluno e a qualidade da prática do professor.***

**Imagem 21:** Momentos de leituras e criações na praia..



# Resultados

## A apresentação

A culminância do “Teto todo delas” deu-se alinhada ao projeto pedagógico da escola, que já trazia a proposta de um Festival de Música Brasileira aberto à comunidade, dentro do qual apresentamos nosso produto final, o teatro-musical.

**Imagem 20:** Apresentação do teatro-musical “Som e fúria de todas as Elzas”.



Veja alguns trechos da nossa apresentação clicando [AQUI!](#)

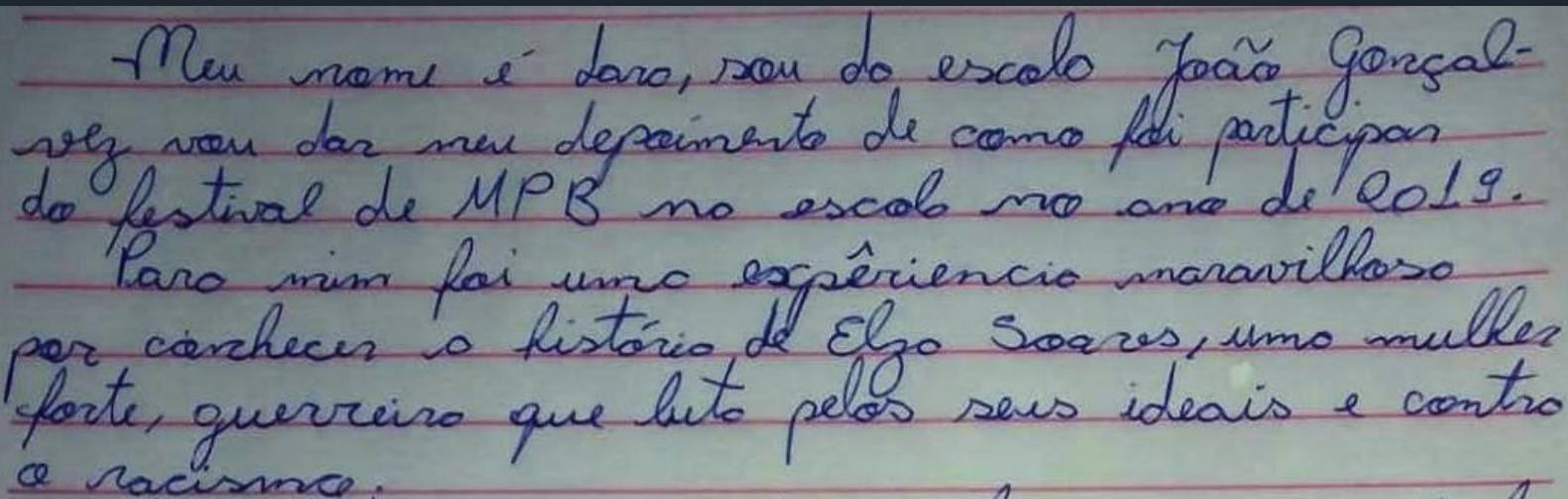
16

As experiências educativas elucidadas pelo projeto nos permitiu vislumbrar a possibilidade de construir na escola um espaço potencialmente capaz de questionar e, portanto, não perpetuar a reprodução de modelos compulsórios de identidade, comportamento e formas de compreender a si mesmo e sua relação com o outro.

**A vivência ao se vestir de uma personagem, interpretá-la ou envolver-se com sua produção também como produtores de arte, possibilitou aos alunos e à comunidade, internalizar a força e representatividade social “delas”, vivenciar e conhecer as sensações que a criação artística proporciona ao artista e expectador e desenvolver a empatia e conhecimentos necessários para experienciar a cultura como uma forma de desalienação ou, pelo menos, de compreender o mundo como múltiplo e diverso.**

**Entendemos com isso que não basta somente estudar a vida e pensar a arte, mas que é necessário oportunizar momentos nos quais o conhecimento e a produção artística, a criação de um outro produto, promovam experiências em que os alunos possam ser os agentes, os próprios sujeitos dessa parte da história.**

Imagem 21: Depoimento da aluna Lara Barreto.



Meu nome é Lara, sou da escola João Gonçalves e vou dar meu depoimento de como foi participar do festival de MPB na escola no ano de 2019. Para mim foi uma experiência maravilhosa por conhecer o histórico de Elza Soares, uma mulher forte, guerreira que luta pelos seus ideais e contra o racismo.

Até então eu não lo conhecia, e nunca tinha ouvido falar dele, depois que eu conheci o seu histórico sei que podemos conquistar tudo o que quisermos.

Foi incrível interpretar o músico Mulher do Fim do Mundo agradeço meu professor Jefferson por ter confiado em mim.

**Assista a demais depoimentos clicando [AQUI!](#)**

## Evidências de aprendizagens

Abordar a biografia das diversas artistas, como Frida Kahlo e Elza Soares, antes de explorar suas obras, possibilitou aos estudantes a melhor compreensão do fazer artístico que, somado às atividades práticas, possibilitou dialogar sobre o sistema escravista, racismo, sobre a situação dos negros no país e no mundo, o movimento feminista e as relações de gênero e perceber o quanto **ser alvo de um processo de discriminação pode ser doloroso, compreendendo, contudo, a possibilidade de transformá-lo, inclusive através da arte, ao se reconhecer enquanto oprimido e avançar, construindo, tomando para si a própria história.**

Assim, das evidências das aprendizagens, destaco primeiramente o aprimoramento do olhar crítico dos estudantes acerca das produções artísticas. Isso, porque em todo o momento, simultânea ou posteriormente ao projeto, as crianças passaram a **olhar para as artes como manifestações do saber humano, problematizando questões sociais e culturais a partir dela.** Os comentários acerca das primeiras impressões de uma obra deixaram de ser somente estéticos e passaram a elaborar sobre as relações humanas.

**A mais clara e tocante evidência das aprendizagens alcançadas, contudo, foi perceber ao longo de todo o processo os estudantes, principalmente as meninas negras, reclamarem continuamente o direito de a história, a cultura e a arte de seus povos estarem representadas no currículo e no projeto político pedagógico da escola.**

Imagem 22: Alunos do 5º Ano A vestindo as cabeças das “elzinhas”.



**ROTEIRO – Som e Fúria de todas as Elzas – O Musical**

*Início: As 11 Elzas em estátua na cena. A Elza 2 (Lara), no centro, sentada sobre a lata.*

Narrador – Que nome seria mais adequado para a mulher que transformou em som a sua fúria, fúria que em sua trajetória não é só sinônimo de raiva, mas também de amor? Esta é a história de Elza que zombou da ziquizira, chamou pra zoeira, tirou da zica e da dor, prazer e luz. A infância de Elza se passa na zona oeste do Rio de Janeiro, na década de 1940. A mãe sempre ocupada em lavar roupas para fora, o pai trabalhava na fábrica de tecidos de Bangu. Uma de suas lembranças mais doces era de ser despertada por seu pai, seu Avelino, logo pela manhã. Só seus pais dormiam num quarto. Os filhos se espalhavam pela sala, arranjando-se como possível, todas as esteiras ficavam espalhadas pelo chão.

*Elza 1 (Alana) quase que cortando a fala do narrador para se explicar – **Mas não eram esteiras como vocês estão pensando não. Sabe aqueles sacos de farinha? Então, você abria todos eles, emendava uns quatro retalhos e aquilo dava um lençol... ma-ra-vi-lho-so.***

Narrador – Elza gostava tanto de ir à escola que nem se importava de acordar uma hora mais cedo – por volta das cinco horas da manhã – para pegar água no poço para a rotina diária de sua casa. Cada dia da semana era a vez de uma das irmãs que punha uma lata na cabeça e a trazia de volta cheia de água, em várias viagens, para dona Rosária poder lavar roupa.

*Elza 2 (Lara) levantando-se – **Acho que pesava uns 20 quilos na cabeça da gente. No começo parecia impossível carregar aquilo, mas a gente aprendeu logo que era só fazer um rodilho com o lenço no alto da cabeça, achar um ponto de equilíbrio e ir em frente.***

*Elza 3 (Bruna) pegando a lata – **Eu perguntava: Deus, por que você me deixa carregar tanta lata d'água na cabeça? Mas ele nunca me disse nada. Ele sabia que a lata era na verdade uma coroa, eu já era coroada uma rainha!***

MÚSICA – COMO LUTEI (Todas as Elzas dançam e interpretam a música. Ao final, permanecem estátuas em cena.)

Narrador – Um dia, conta Elza que foi acordada por São Jorge.

*Elza 4 (Evelyn) ajoelhando-se – **São Jorge, posso pedir pro senhor dizer para meu pai não me bater mais tanto assim? Eu prometo que vou ser uma menina boazinha. São Jorge, eu não vou ficar aprontando muito não...***

*Elza 5 (Eloísa) – **Me lembro de ter escutado ele dizer que eu ainda apanharia muito. Mal sabia eu que ele queria dizer que eu iria apanhar mais da vida do que do meu pai.***

*Elza 6 (Milena) – **Na vida também apanhei do racismo. A primeira história foi minha mãe que contou. Ela tinha ido levar uma roupa que tinha lavado num prédio e, como o elevador de serviço estava quebrado, o porteiro disse que poderia usar o social. Só que quando minha mãe entrou, ela caiu no fosso: o elevador não estava lá. Vi minha mãe chorando muito, ela dizia que o homem tinha feito aquilo de propósito, por pura maldade. Ela não chegou a falar a palavra em si, mas eu sabia que era racismo, coisa de branco para fazer mal ao negro.***

*Elza 7 (Emilly) – **Por puro preconceito, por machismo, o que queriam era me impedir de cantar, nem que para isso tivessem que me matar.***

MÚSICA – MARIA DA VILA MATILDE (Todas as Elzas dançam e interpretam a música. Ao final, todas saem de cena.)

Narrador – Paralelo a isso tudo, Elza acreditava em uma outra possibilidade de vida: alimentava o sonho de viver a música. Elza admite que era uma aposta muito distante: hoje, todo mundo quer ser youtuber, mas no anos 1950 todo mundo queria ser uma estrela do rádio. Por menor que fosse sua chance, Elza sabia que tinha que tentar. Era no programa “Calouros em desfile”, apresentado por Ary Barroso, na rádio Tupi, que Elza iria cantar.

*(Ao fundo, ouve-se apenas a voz de Ary Barroso.)*

Ary Barroso – **Elza Gomes da Conceição.**

*(Elza 8 [Aline] entra em cena. Todos ao fundo riem.)*

Ary Barroso – **O que você veio fazer aqui?**

Elza 8 (Aline) – **Vim cantar.**

Ary Barroso – **E quem disse que você canta?**

Elza 8 (Aline) – **Eu, seu Ary.**

Ary Barroso – **Então, agora me responda menina, de que planeta você veio?**

Elza 8 (Aline) – **Do seu planeta, seu Ary.**

Ary Barroso – **E posso perguntar que planeta é esse?**

Elza 8 (Aline) – **Do planeta fome.**

MÚSICA – A CARNE (Inicia a música que será interpretada pela Elza 8 [Aline]. Ao fundo, os demais gritam: “Agora não é mais!”. Ao final, a Elza 8 [Aline] sai de cena.)

*Transição: Ao fundo, ouve-se apenas a voz de Ary Barroso. Em seguida, entra Elza 1 (Alana) para interpretar a música “Fadas”.*

Ary Barroso – **Senhoras e senhores, nasce uma estrela.**

MÚSICA – FADAS (Interpretada pela Elza 1 [Alana]. Ao final, Elza 1 [Alana] sai de cena e vão entrando Elzas 9 [Maria], 10 [Laura] e 11 [Amanda] dando suas falas.)

*Elza 9 (Maria) – **O tempo passou e eu continuei com fome. Fome de cultura, fome de dignidade, fome de educação, de igualdade e de muito mais. Percebo que a fome só muda de cara, mas não tem fim.***

*Elza 10 (Laura) – **Depois de 50 anos de carreira, eu não quero fazer a mesma coisa de novo. Eu quero bagunçar, quero fazer diferente! Entender que a voz é uma arma. Entender que não é preciso portar arma, é preciso portar voz.***

*Elza 11 (Amanda) – **Quando lembro que foram 81 lançamentos de discos, eu posso falar o que quiser. Por favor, me respeitem – eu tenho dito!***

MÚSICA – MULHER DO FIM DO MUNDO (As Elzas 10 [Laura] e 11 [Amanda] saem de cena. Entra Elza 2 [Lara]. Elza 2 [Lara] e 9 [Maria] interpretam a música. Ao final saem de cena.)

*Transição: Uma a uma as Elzas entram em cena reverenciando o público e dançando. Em seguida, entram todos os alunos com as máscaras de Elza, dançando junto e encerrando a apresentação).*

*\*BÔNUS – MÚSICA – MAS QUE NADA*

